

A FEDERAÇÃO

ÓRGÃO DAS ASSOCIAÇÕES CATÓLICAS DE ITU

S. PAULO

DILIGITE HOMINES ET INTERFICITE ERRORES (Sto. Agostinho)

BRASIL

«A FEDERAÇÃO»

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

—EXPEDIENTE—

«A Federação» será publicada aos domingos pela manhã.

ASSINATURA: Por ano, 6\$000
Pagamento adiantado

XII DOMINGO DEPOIS PENTECOSTES

EVANGELHO DO DIA

S. LUCAS, CAP. X. V. 23-37

N'aquelle tempo (1), virando-se Jesus para os seus discipulos, lhes disse: Felizes os olhos que vós vêdes; pois declaro-vos que muitos Prophetas e Reis desejaram ver o que vós vêdes, e não o viram (2), e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram. Então se levantou um doutor da lei, e lhe disse para o tentar (3): Mestre, que é preciso que eu faça para possuir a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Que está escripto na lei? que lês n'ella? Elle lhe respondeu: Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, com toda a vossa alma, com todas as vossas forças e com todo o vosso espirito, e ao proximo como a vós mesmos. Jesus lhe disse: Respondeste muito bem, faz isso e viverás. (4) Mas este, querendo fazer-se passar por um homem de bem (5), disse a Jesus: E quem é o meu proximo? Jesus, tomando a mão, lhe disse: Um homem, que ia de Jerusalem para Jerichó (6), cahiu nas mãos dos ladrões, e do despojaram, cobrindo de feridas, e se foram, deixando-o semi-morto. Ora, aconteceu que um sacerdote ia pelo mesmo caminho; viu aquelle homem e passou adiante. Um levita, tendo vindo perto d'alli, o viu tambem, e passou do mesmo modo. Mas um samaritano (7) que viajava succedeu passar junto d'aquelle homem, e tendo-o visto, foi movido a compaixão. Tendo-se pois aproximado, curou-lhe as feridas depois de ter-lhes derramado azeite e vinho; pol-o finalmente no seu cavallo, e o levou para uma hospedaria, onde teve cuidado d'elle. No dia seguinte, tirou da bolsa dois dinheiros, e os deu ao dono da hospedaria, dizendo-lhe: Tem cuidado d'este homem; e tudo o mais que gastares, eu t'o restituirei na volta. Qual dos tres te parece ter sido o proximo d'aquelle que cahiu nas mãos dos ladrões? (8) O doutor respondeu: Aquelle que exerceu a misericórdia para com elle. Vae pois, lhe disse Jesus, e faz o mesmo. (9)

REFLEXÕES PRATICAS

«Felizes os olhos que vêem o que vós vêdes.» Nós não gozamos, n'este lugar de deiteiro, da mesma felicidade que os discipulos, pois não vemos aqui a Jesus Christo com os olhos do corpo; elle não nos torna aqui sensível a sua presença. Contudo, que justo motivo temos de aplicar a nós n'um sentido verdadeiro estas palavras: «Felizes os olhos que vêem o que vós vêdes!» Com effeito, quam inapreciável é o espectáculo que nos descobre a fé quando estamos ao pé do altar! Alli vemos com os olhos da fé o Homem Deus, continuando o grande sacrificio que offereceu sobre a cruz para operar a nossa redempção. Alli o vemos continuando a desempenhar na terra, como fez no ceu, as funções do Sacerdote eterno segundo a ordem de Mel-

chisedech: alli o vemos reduzindo-se ao estado de victima, para applicar-nos os merecimentos d'es-se ineffavel sacrificio que continua a offerecer.

Não temos tambem, como tiveram os discipulos, a felicidade de ouvir com os ouvidos do corpo as valavras sahidas da bôcca do Salvador; porém estas divinas palavras foram nos transmittidas, e nós o ouvimos, com os ouvidos da fé, convidar-nos a participar do seu adoravel sacrificio, dizendo-nos: «Vinde a mim, vós todos que soffreis e que estaes carregados, e eu vos alliviarei. Vinde a mim; eu faço as minhas delicias de estar com os filhos dos homens, e de comunicar-me a elles.» — Na occasião em que Jesus Christo felicitava os seus discipulos por verem e ouvirem o que tantos Rei e Prophetas haviam desejado, mas em vão, vêr e ouvir; isto é, por o verem a elle, o Messias prometido havia tantos seculos, e o ouvirem annunciar lhes os mysterios do reino de Deus, um doutor da lei, com o intento de o tentar, lhe diz: «Mestre que é preciso que eu faça para possuir a vida eterna?» «Que está escripto na lei, lhe disse Jesus Christo, e que lês n'ella?»

Responde o doutor: «Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, com toda a vossa alma, com todas as vossas forças e com todo o vosso espirito, e ao proximo como a vós mesmo.» Eis ahí, effectivamente, o que diz a lei. Ora, amar a Deus de todo o coração, é amal-o mais que a todas as coisas; é estar prompto a sacrificar tudo, antes que a renunciar ao seu amor: é amal-o em todos os tempos, em todas as circumstancias da vida, na enfermidade como na saude, na afflicção como na prosperidade; é poder dizer com o Apostolo: «Quem me separará do amor de Jesus Christo? Será a tribulação, ou as angustias ou a fome, ou a nudez, ou os perigos, ou a perseguição, ou a espada? Amar o proximo como a nós mesmos, é não lhe fazer nem lhe querer mal algum; é desculpar os seus defeitos, supportar as suas fraquezas, soccorrel-o nas suas necessidades: é, n'uma palavra, tractal-o como queremos que nos tracte. E' assim que amamos a Deus? E' assim que amamos o proximo?

Mas quem é o nosso proximo? Entre o antigo povo, uns pensavam que, para ser o proximo d'um judeu, era preciso ser judeu; outros, que se não deviam considerar os maus e os viciosos como outros finalmente, não consideravam como seu proximo proximo todo aquelle que lhes era desconhecido. Jesus, pela parabola que encerra o Evangelho d'este dia, nos mostra que o nosso proximo é toda a pessoa que carece do nosso auxilio. Com effeito, o samaritano caridoso que se aproximou do homem ferido, que o sacerdote e o levita, obcecados pelas preocupações da sua nação só tinham visto com indifferença, o samaritano não se informa d'elle quem é? Vê-o desgraçado, e andando no proprio sangue: isto lhe basta. Apresarse a vedar-lhe as feridas; põe-n'o no seu cavallo; leva-o para a hospedaria, e paga para que tenham cuidado d'elle. Baste nos, pois, a seu exemplo, saber que alguém está na desgraça para voarmos em seu auxilio e o ajudarmos conforme os nossos meios; e ensinarmos esta parabola que não são só os nossos parentes, amigos, compatriotas, e as pessoas que nos agradam ou que conhecemos, o nosso proximo, mas todos os homens em geral, sem exceptuar ainda aquelles de quem temos que queixar-nos e nos aborrecem.

(1) Ha muita probabilidade de que isto se passou n'uma synagoga.

(2) Isto é, o Messias.

(3) «Para o tentar», e para ex-

prementar quaes eram as suas luzes e sabedoria.

(4) E viverás eternamente.

(5) Querendo mostrar que tinha sincero desejo de conhecer a lei a fim de pratical-a.

(6) Jerichó era uma cidade da Judêa, a sete ou oito leguas de Jerusalem. Segundo S. Jeronymo, o caminho de Jerusalem a Jericho era mui perigoso, por causa dos ladrões que alli se encontravam e dos homicidios que alli se commettiam.

(7) Jesus Christo introduz aqui um samaritano para melhor fazer comprehender o amor do proximo deve estender-se a todos os homens. Sabese a animosidade e antipathia que existiam entre os judeus e os Samaritanos.

(8) Isto é, qual dos tres te parece ter-se portado como o proximo d'aquelle homem, e tel-o considerado como o seu proximo?

(9) Isto é, ama os homens quem quer que sejam, e não façam como aquelles de vós que não consideram seus proximos senão seus parentes e amigos.

EPÍLOGO DE UMA CALÚNIA

Há cinco anos, em 1907, uma mulher chamada Vicência Besson e um sujeito atrabiliário e, segundo todas as provas, instrumento da maçonaria, levantaram uma infame calúnia contra os PP. Salesianos, as freiras e o pároco de Varese. A imprensa maçónica e anticlerical explorou o caso promovendo grande agitação, e dando ao escândalo proporções incalculáveis. Tomando conhecimento a policia da Itália de tam delituosos factos, ficou provada a inocência dos padres e das freiras, e patente a vil calúnia dos acusadores, a referida Besson e Carlos Malário que dizia ser seu filho.

As pessoas atingidas pela calúnia não ficaram satisfeitas apenas com isso, e propuseram como era de seu dever, uma acção judicial contra os difamadores da sua honra.

Depois de cinco anos, — não se pode pedir maior claridade! — os magistrados que funcionam no processo acabam de dar uma prova de que são mais destros que Pilatos, pois não podendo condenar o inocente, absolveram com circunlóquios e evasivas os culpados.

A sentença reconhece que a accusação contra os Padres — «é inverosímil e infundada» — e que os Salesianos, as Freiras de Santa Catarina e o pároco Astengo não podem ser atingidos pelas accusações que lhes foram feitas; mas declararam que o tal Malário é um *degenerado erótico, um irresponsavel*, e, ainda que delinquente, não pode ser condemnado, segundo a lei ordinária. A Besson é uma mulher — «fátua histórica e suggestiva» — e, ainda que criminosa «parcialmente», deve ser absolvida segundo o mesmo código.

«Dada uma tal deficiência de senso moral, diz a sentença, para prescindir da sua responsabilidade, basta conhecer as especiais condições do meio ambiente, e as relações que tinha com Malário; circumstancias que indicam a causa da *auto-sugestão* e de servilismo e extranhos interesses empenhados em promover um *escândalo anticlerical*. Por isso, o tribunal declara que não há lugar para responsabilidade penal no processo movido contra Vicência Besson e Carlos Malário. Assim termina depois de tanto tempo um assunto inventado, forjado e propalado pela maçonaria para exovalhar a reputação dos padres salesianos e outros religiosos que tanto bem estão prestando à humanidade!

A justiça italiana parece ter

omitido ou descuido circumstancias agravantes, se não dos autores directos da calúnia, pelo menos de presuntivos promotores, cujos documentos constam dos autos.

Estas são as cartas entre vários personagens de Varese, Veneto e Roma. O principal agilador e promotor daquelle escândalo parece não haver duvida alguma de ser *Elmore Ferrari*, o primeiro dignatário da maçonaria do lugar, e um dos mais conspícuos das lojas de Roma, segundo está claramente indicado nas referidas cartas.

Numa ordem escrita na Câmara do Conselho do Tribunal de Savona, se tem as seguintes palavras:

«No inquérito de... ainda que pareça «suspeito o interrogado» neste negócio, a «parte» que lhe cabe é muito limitada, no escândalo de Varese. Elle não aparece sinão como conselheiro do outro, que por intromissão do professor... encarregou se de fazer chegar ao Ministro de G e J. aquilo que depois não resultou ser feito, e por isso ficou *excluído*; esta é a razão por que sobre as cargas que se lhe fazem se guarda o maior sigilo. O facto é que poucos dias depois daquelles manejos que se lhe imputavam, arrebeutou em Varese o formidável escândalo anti-clerical.

Mais uma uma é preciso afirmar: quasi todas as inculpações que se fazem aos religiosos, de actos menõs licitos e honestos, são invenções da seita maçónica, que as forjiga e propala nos milhares de jornais de que dispõe, para combater a Igreja, desacreditar os seus ministros e arruinar as almas dos católicos.

E' preciso ter toda prevenção contra essas noticias, de que de ordinário se serve o maior inimigo do catholicismo.

Faleceu em Pisa, Itália, o senador Pacinotti, inventor do anel magnético que foi o principio das applicações da electricidade ás indústrias modernas. O senador Pacinotti foi sempre um católico de votado á Igreja.

Os católicos perseguidos na Itália

Na Câmara italiana o deputado Tovini referiu-se a uma interpelação que promovera concernente á oppressão sectária de que são alvo os católicos de Valteline. O vigoroso e estrénuo propugnador dos direitos dos opprimidos não se contentou com declamações, positivamente factas que demonstram as injustiças cruéis e inexoráveis, os vexames constantes a que estão sujeitos os católicos. Respondeu o sr. M. Falconi, sub-secretário dos negócios interiores que ladeou a questão, furtando-se a discutir os factos aduzidos pelo deputado Tovini. E a razão é óbvia, porquanto a alma da perseguição em Valteline é o sr. Credaro, ministro, sectário fervoroso da instrução pública. Quando reconhecer os maçons o direito que assiste aos católicos de praticarem e professarem a sua religião como lhes apraz e a consciência lhes dita?

Porventura os católicos forcejam por impedir que as práticas maçónicas se realizem, conquanto afrontando o catholicismo com uma paródia sacrilega do que mais santo e elevado encerra a Igreja católica?! Não é prudente abusar da paciência dos católicos; vigor, energia, coragem, cremos, lhes não faltará para defenderem os seus legítimos e sacrossantos direitos. Liberdade para a Igreja reclamam, insistentemente os católicos.

O horror da maçonaria Internacional

A força da maçonaria está na sua organização internacional. No atra-

ctivo e sedução das causas perversas que defende e no cristianismo espezioso com que ela se mascara.

Disse bem Leão XIII: «Arrancaí a maçonaria a máscara e mostrai-a tal qual é.»

Sua influencia nefasta é vastissima. Em Berlim, no bi-centenário de Frederico o Magno, podiam levantar três novas lojas umas das quais foi «baptizada» — Frederico Magno.

Da mesma extensão e sinistra influencia é a difusão da maçonaria na Inglaterra, onde a dinastia reinante protege enormemente a loja. Assim foi nomeado, depois da morte do rei Eduardo, protector da loja da Nenzelandia o conde Connaught.

Em Birmigham fundou-se até uma própria loja por médicos e cirurgiões. A maçonaria inglesa como é sabido, na sua attitude para com a igreja católica não é tam brutal e injusta como a dos países ramanos. Não obstante, porém, coincidem os intentos e planos de ambas as partes nas linhas gerais e nos pontos principais.

Uma actividade intensissima desenvolve actualmente a maçonaria no oriente budista e islamitico.

Já desde muito tempo observa-se na França a tendência a criar missões leigas livre-pensadoras a modelo das missões católicas.

A frente destas missões leigas está o sr. Aulard, professor em Paris.

As lojas maçónicas não somente entretêm viva e intensa communicação com os jovens turcos, jovens persas e jovens chineses, mas tambem com todos os povos orientais que professam a religião grego-ortodoxa. Assim por exemplo fundou-se recentemente em Atenas a loja Hypsilantis com o destino de inteirar os irmãos-maçons do oriente no movimento maçónico internacional e difundir as lojas no oriente islamitico.

Tambem na China inaugurou-se a revolução pela acção da maçonaria. «O cristianismo maçónico» vago conglomerado de muitas falsas e umas veras ideias religiosas, com seu culto hipócrita e contrafeito do catholicismo, põe-se em foga e relêvo na China.

O autor da revolução na China dr. Sunyatsen, é um protestante e e a um tempo maçon dos mais altos graus da seita secreta. Tambem o novo ministro da Justiça e do Culto Wang-chung-hui é filho dum pastor protestante chinês e um fervoroso propagandista do racionalismo protestante da China. Particularmente favorecem de muito a «corporação» cristã de estudantes que é uma liga internacional maçónica que tem a sua agência central em Paris.

Disso fica patente que os adherentes e defensores de tal vago e platónico cristianismo que do verdadeiro Evangelho tem só o nome, estão possuídos dum odio encarniçado á religião de Cristo e inimigos traiçoeiros de todas as monarchias e dinastias.

REBATENDO

Não tendo a «Federação» respondido ao artigo intitulado *Justus*, que a *Cidade* publicou em seu n. de 31 de Julho p.p., como um dos signatarios de um dos protestos contra as falsidades, injurias e calumnias por esse jornal assacadas ao prégado do mez de Maria, no Bom Jesus, venho dar a resposta que merece aquelle amontoado de disparates, que talvez por serem por demais grosseiros e desconchafados, nenhum dos colaboradores da «Federação» quiz dar-se ao trabalho de responder.

Na impossibilidade de sustentar uma polemica na região serena dos principios, o escrevinhador da *Cidade* confundiu as columnas de um jornal com rinha de gallos, para atirar grosseiros desaforos até ás distinctissimas senhoras e illustres cavalheiros que em dois longos abaixo assignados protestaram energicamente contra as falsidades, injurias e calumnias assacadas das columnas daquelle folha contra o digno sacerdote que pregou durante o mez de Maria, na Igreja do Bom Jesus.

E como aquelles protestos

foram a prova mais cabal e esmagadora de taes calumnias, injurias e falsidades, o jornalista improvisado, patenteando até onde chega o seu amor á verdade e o seu respeito pela dignidade alheia, referindo-se aos signatarios daquelles vibrantes protestos, não cõrou de arremessar contra aquellas distinctissimas pessoas estes baixissimos insultos: «...e isso tudo aconteceu apezar dos dois retumbantes protestos em que a *pétizada* fez figura de *adulta*, e em que até *probidades duvidosas* tiveram o seu belo momento de transparecer aos olhos do mundo como *probidades inconcussas!*»

O gripo é nosso. Como se vê do periodo que acabamos de transcrever, o *jornaleiro*, esquecendo se da sua propria dignidade, perdeu a compostura (e não a *postura*, que isso é termo que só se emprega a respeito de gallinhas), perdeu a compostura, diziamos, de quem se arvera em jornalista que escreve para um publico respeitavel, desandou para o terreno da inverdade e do insulto. Fique, porém, sua senhoria convencido de que os alvejados por tão insultuosa insolencia lhe respondem com um risinho de desprezo essa nojenta cusparada, que não attingindo ao alvo, foi cair em cheio no rosto de quem a cuspiu.

Demais, como bons catholicos, que são, certamente terão dito: «Coitado, nós lhes perdoo mos isso, porque elle não sabe o que diz com esses palavrios desconexos.»

E não sabe mesmo, porque naquelle seu estylo nephelibata e confuso, as idéas andam de tal modo baralhadas umas com as outras, que nem o seu proprio autor é capaz de decifrar os mil e um enigmas que lhe escorrem a granel do bico da pena desvairada. Aquillo até parece uma enfiada de xaradas soltas a esmo a quem puder decifral-as.

E para que não se diga que estamos a gracejar com o estylo *gaiato do homem*, aqui vae um dos seus periodos, que, apezar de não ser um dos mais obscuros, desafiamos os nossos leitores a que nos digam se puderam *pescar* alguma cousa nessa *anguada*, de que gripha mos algumas palavras.

Eil-o: «Ilu é terra de gente que vê longe a *necessidade impirica* dos tartufos; e daí, por *esses* (sic) que não têm vacillações para dizer verdades, ficou e continda de pé firme a repulsa ao pregador da *nova* doutrina contra a *estabilidade* dos lares e decencia das donzêlas.»

Já se viu maior disparate exposto em linguagem mais sybilina, confusa e incompreensivel?

Até parece que o *jornalista da Cidade* está plenamente convencido de que estamos vivendo em pleno periodo da literatura gongorica

UM DOS SIGNARIOS DO PROTESTO

A evolução ortográfica

A questão mais importante que, na actualidade, tem despertado máximo interesse em todos os principaes meios litterarios é sem dúvida a que serve de epigrafe neste artigo.

Embora se conheça o parecer da commissão organizada pelo Sr. Dr. Secretário do Interior alim de dar solução ao caso vertente, não podemos negar que a «vitória» já pertence aos professores do Estado de S. Paulo. Assim vemos a representada nas diversas e selectas afinidades que se estão fazendo em prol da simpática «reforma», como também pelo importantissimo diário o «Estado», demais órgãos da imprensa e estabelecimentos de ensino do nosso querido território.

O principal intuito dos pedagogos paulistas, apresentando ao Governo tam capital petição, foi facilitar ao extremo, ás crianças que se preparam nas escolas deste considerado torrão paulista, a pronúncia e a representação simbólica das palavras do idioma portuguez.

Acometimento literário como este merece delicado estudo como tem feito e continuará especializá-lo o distinto filólogo Silvio de Almeida, nas suas apimoradas «Divagações» publicadas pelo órgão mais lido em todô o continente brasileiro.

Belo pensamento teve o Governo portuguez quando imaginou uniformizar o idioma falado com especial correção na provincia da Beira Baixa; e, valoroso foi o trabalho dos dez filólogos lusitanos encarregados dessa difficil missão que, com poucas regras souberam fundamentar os principios básicos da língua que também falamos.

O desânimo, portanto, não poderá attingir áqueles que fazem a propagação ortográfica, porquanto de dia para dia ella está solidificando caprichosamente os alicerces de tam delicada matéria.

Avante pois, senhores professores! o assunto que ora tendes iniciado sera' mais tarde uma coroa de louros para a nossa Pátria, e especialmente a São Paulo, porque foi com a Instrução Pública que o nosso Estado attingiu o presente ápice de desenvolvimento infinito recebendo, então, a admiração uníssonã de todos os países cultos do globo terráqueo.

L. G. C.

Bestalhão ao Dr. Terrivel

(Carta aborta)

Pela proa, nos apparece ainda um outro antagonista, que dá pelo pseudonimo de *Dr. Terrivel!*

Ainda bem que o pseudonimo não condiz lá muito com a coragem da arremettido ou lucta a valer. Antes pelo contrario, declinando a discussão e tomando o caso um pouco a rir, me pede que lhe «pessegue uma daquellas *terríveis* descomposturas como recompensa a sua ousadia», «para não sair sem *chumbo*, como diz o caipira.»

Quanto a isto de *descomposturas* veio bater a má porta. Não as sei dar; nem que soubesse teria gosto nellas. Vá bater a outra porta, á do seu vizinho ou collega de redacção, que nellas é mestre; e tanto que levam, como dizem, coiro e e cabelo. Não leu as da *boa palha*, dos *bestalhões*, dos *solimões* e a famosissima ao illustre Freppell!

O que lhe não levo, nem posso levar a bem é dizer que foi *justus* que tomou o pseudonimo de *Bestalhão*, quando eu e só eu é que o tomei.

Dirá que tal não disse! Ora relêa o que escreveu: «E assim entendem (calar se, *justus*), menos pelo apelido feio, que aliás tomou (*justus*, evidentemente) por pseudonimo, do que pelas *terríveis* grosserias terrivelmente atiradas pelo seu contendor.»

Não o queria certamente dizer, mas disse-o; e aqui é que bate o ponto.

E Obrigado pelas *terríveis* grosserias que me imputa. Mas quaes foram? Quizero que me apontasse uma só. Foi o que eu redondamente sempre neguei a *justus*.

Não levo egualmente a bem me impute coisas que nem pela cabeça me passaram. Onde é que eu *pretendi* ou escrevi que «a minha palavra vale mais que as de outrem, só porque me ajustei a (sic) esse apelido do de *Bestalhão*»? Em tal asneira não cairia eu.

E como é que eu posso dizer «que quadram bem aos meus intuitos os destemperos oratórios e inverdades atirados (*Bestalhão* escreveria *atiradas*) do pulpito do Bom Jesus», se eu sempre neguei hovesse taes destemperos?

Pode uma coisa que não existe, quadrar-me bem?

Emfim, como me não sobra o tempo para dar *trela* ao sr. *Terrivel*, que não faz senão repetir o que redizem e repisaram no bisemanario os seus antecessores collegas, passo em silencio outros pontos fracos da *terrivel* epistola.

Só não posso deixar de admirar o arrojo do sr. *Terrivel* em vir dizer-me que: «a maior parte das pessoas que assinaram os protestos não frequentam (mas *frequentaram* no mês de maio!) a Igreja do Bom Jesus e, portanto, não tiveram occasião de delectarem-se *delectar-se*,

escreveria *Bestalhão*) com as singulares *prédicas*...!»!

Note-se a troca de *frequentaram* por *frequentam* e a expressão, *maior parte das pessoas*. Da' vontade de rir, mas não de temer, sr. *Terrivel*, invulneravel ao tal *chumbo*.

Passé bem.

B.

Movimento religioso

CIRCULO CATÓLICO

Aviso

Amanhã 19 do corrente haverá reunião no lugar e hora do costume.

Hoje às 7 horas da manhã haverá missa na Igreja de S. Benedito.

DEVOÇÃO A S. JOSE'

Quarta-feira 19 do corrente, terá lugar ás 7 horas da noite na igreja do Bom Jesus a piedosa devoção a S. José.

Como sempre será a mesma reservada sómente aos homens.

ASSOCIAÇÃO DAS DAMAS DE CARIDADE

De ordem do revdno. director desta associação convido as sras. Damas de Caridade, para no próximo sábado, 24 do corrente, vigésimo aniversario da fundação desta Associação, comparecerem ás 7 horas da manhã, na igreja do Bom Jesus, para assistirem á missa, e juntas fazerem a communhão. Nesse dia haverá' também a bênção do SS. Sacramento.

Outrosim faço saber que a reunião quinzenal da Associação, ficou designada para esse mesmo dia, ás 5 horas e meia da tarde, no lugar do costume.

A 2a. Secretária

UTILIDADE DAS HORTAS

Ha muitas familias que vivem pobres, mal alimentadas gemendo sempre e lastimando-se de que o seu trabalho não lhes dá para melhorar o aconchego do lar.

A culpa é em grande parte delles, que não se sabem arranjar, não sabem lançar mão dos muitos meios que têm a sua disposição, sobretudo aqui no Brasil, onde as terras são muito baratas.

Porque não podem ter um cafetal ou milharal ou criação de gado grosso já se julgam uns desherdados da sorte, e condemnados a viver, arrastando pobremente a vida.

Ora isto é falso; a maioria das familias poderia viver um tanto desafogadamente, se deixasse a rotina e procurasse industrialisar-se, como faz a gente doutras partes.

Com terras tão baratas aqui no Brasil e com um clima favorabilissimo ás diversas culturas, e sobretudo com as chuvas abundantes no verão, quem não pode ter um quintal ou horta no povoado ou fóra d'elle, onde cultive as principaes hortaliças, arvores fructiferas e tenha criação de animaes domesticos, que venham a ser um grande e valioso auxiliar ao sustento e gastos da familia?

Ha algumas difficuldade, não ha duvida; mas a mesma experiencia as vaé resolvendo; havendo muitos sobretudo a trabalhar no mesmo sentido. Mas a maior difficuldade é a rotina e o desleixo em cuidar das suas familias e saberem-nas governar.

Todos sabem que os alimentos vegetaes e hortaliças são ou devem ser a base da alimentação das familias, conquanto convenha variar um pouco com carne e seus temperos.

Ora Ytú produz muito boas e variadas hortaliças, e muito mais produziria se aqui ensaiassem outras variedades que que ainda se não conhecem. Não se pesou por exemplo, já aqui um pé de repolho com 12 kilos e outro até com 19, de que tiram testemunhas varias pessoas?

Toda o ponto trabalhar e remexer a terra, adubala e corretila, por ser arentada, com estrumes que, aqui se desprezam, e regal o algumas vezes, quando faltam chuvas.

Pouca gente faz idea dos recursos magnificos e vantagens de uma horta bem cuidada para uma familia, sabendo se cozinhar e temperar bem as diversas hortaliças nella cultivadas, durante toda a ródã do anno.

Ora sobre este assumpto é que vamos chamar a attenção de povo ytuaño e dos fazendeiros sobretudo, numa serie de artigos, que não deixarão de interessar, quanto á cultura e variedade de hortaliças, tempo da sementeiras e modo de adubar as terras, se virmos que estes estudos despertam interesse.

Assim nolo pediram; e assim por este meio esperamos concorrer de algum modo para o bem-estar deste bom povo, que muito nos interesse e pelo qual todos devemos trabalhar.

M.

Notas e Noticias

Representação

Está concebida nos seguintes termos a representação que o povo ytuaño vai dirigir ao govêno do Estado, pedindo a criação nesta cidade, de uma escola normal primária: — «Exmo sr. dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, illustre e benemérito Presidente do Estado de S. Paulo.— O povo de Itu, por meio dos representantes de todas as classes sociais, que esta subscrevem, vem depor nas mãos de v. exa. um pedido, cuja procedencia espera que v. exa., em seu alto critério, reconheça.

E' uma antiga aspiração do povo desta terra, cujo papel em todos os movimentos politicos e sociais do Brasil a História e a Tradição justamente reconhecem possuir, a exemplo de outras suas co-irmãs do Estado, uma Escola, á altura do seu nivel intellectual.

Esta aspiração já teve oportunidade de ser aqui positivada.

Em 1900, por vontade do povo, os dirigentes politicos dessa época fundaram nesta cidade uma Escola Normal Livre, que, logo á sua abertura, atraiu a concorrência de cerca de 40 candidatos á matricula no primeiro anno. Com a mudança, porém, da situação politica, a promessa de reconhecimento da Escola, por parte do govêno, não se effectuou, desaparecendo, assim, a obra meritória de um núcleo esforçado de amigos do progresso.

A semente, todavia, germinou: o gosto pelo estudo desenvolveu-se, e um grupo numeroso de moços ytuaños procurou, nas cidades mais bem aquinhoadas que a nossa satisfazer a sua sede de saber. E' assim que vemos frequentando as varias Escolas Normais do Estado uma plêiade de cerca de 30 jovens ytuaños, que, desse modo, procuram honrar as tradições illustres de sua Terra.

E' justo, pois, que recebamos o prêmio de nosso amor ao estudo, advogando com calor a criação de uma escola normal nesta cidade.

Não é sem reflexão que levamos este pedido a v. exa., pois temos a alegar uma série de considerações, que, certo, pesarão no ânimo esclarecido de v. exa.

São as seguintes: — Itu é uma cidade vasta e populosa, onde a carestia da vida não existe, pois a vida é barata e a facilidade da subsistência é notória.

O seu clima, já por si é salubre. Possuindo, porém, uma perfeita rede de exgotos, a eventualidade de ser victimada por uma epidemia, desaparece.

E' ponto convergente de estradas de ferro em tráfego e de outras projectadas, e é centro de uma zona que abrange 7 municipios do Estado.

Enfim, possuindo diversos prédios perfeitamente adaptáveis a uma escola, entre os quais um de propriedade do Estado, tem para esse fim á inteira disposição do govêno, a quele que pertence á Câmara Municipal, vasto e confortável, que a nossa illustre equidade está pronta a doar ao Estado.

Sendo assim, contanca, certos, com o deferimento de tam justo pedido, o que virá ainda mais, se for possível, firmar a simpatia que, unanimemente, o povo ytuaño consagra ao nome benemérito de v. exa.»

As pessoas que desejarem assinar a presente representação o poderão fazer junto á Casa Eclética, á rua Direita, n. 55.

Felicitações

Fizeram anno:!

No dia 11, o sr. Sinésio Pais de Barros.

—No dia 14, a senhorita Sinésia Carneiro e o professor Luís Gonzaga da Costa.

—No dia 15, a senhorita Zenaide de Sousa Geribelo.

—No dia 16, a exma. sra. d. Francisca de Moraes Pereira Mendes

—No dia 17, o menino José Maria Anchieta Bueno.

Tômbola

A tômbola em beneficio das obras da nova igreja de S. Benedito, que devia correr hoje, ficou transferida para o próximo domingo, ás 4 horas da

tarde, no largo da Matriz.

Serão convidadas para tocar alternadamente, as duas bandas locais.

Prevenimos ao público que as cautelas acham-se a venda com os senhores Bento de Camargo Barros, Joaquim Leitão, João Rodrigues de A'villa, Brás Ortiz, Luís Pires Guimarães, Nicolau Francisco, José Silva, Vicenzo Gandini, Agostinho Luppi, Francelino Cintra ou José de Andrade Pessoa, na Casa Eclética, Tommazzo D'Onofrio, Silvio Fonseca e Benjamin Nardi.

O custo das cautelas é de 1\$000, com direito aos prêmios de 10\$000 para o Juque; 20\$000, para o terno; 30\$000, para a quadra; 40\$000, para a quina, e 200\$000 para tômbola.

A extracção e fará sob a fiscalisação e presidência do dr. delegado de policia.

A commissão das obras pede a todos o seu auxilio, adquirindo cautelas com as pessoas acima nomeadas, para que reverta algum beneficio.

Adopção ortográfica

Lêmos no «Estado» de 14 deste mês, em suas «Notas», a seguinte noticia:

«*Além da Cidade de Itu*, aderiram ao novo sistema ortográfico, que passaram a empregar, a *República*, e a *Federação*, órgão das associações catholicas da mesma cidade».

Festa de S. Roque

Promovida pelo sr. Manuel Estêves Rodrigues, realizou-se no dia 16 na igreja de S. Rita, de que o mesmo é zelador, a festa de S. Roque, constando de missa pela manhã, e bênção á tarde.

Júri

Conforme antecipámos, instalou-se a 13 do corrente, a sessão do Júri, sob a presidência do Juiz de Direito da Comarca, sr. dr. António de Sousa Barros, servindo de promotor «ad-hoc», o sr. dr. Manuel Maria Bueno.

—Nesse dia, entrou em julgamento o réu conhecido vulgarmente, por «Burrico», accusado por crime de ferimentos leves.

Defendido pelo sr. José Inocêncio do Amaral Campos, foi absolvido.

—No dia imediato, compareceu á barra do Tribunal do Júri acompanhado do seu illustrado patrono dr. Eugénio Fonseca, o réu António Cersóssimo de Almeida, accusado pelo assassinio da menor Maria Benedita, facto este occorrido a 27 de Junho próximo findo.

Constituído o concelho de sentença, e terminada a leitura do processo, foi dada a palavra ao defensor da Justiça pública, que, depois de historiar a triste scena de que resultou a perda de vida a uma infeliz menina e a de liberdade a um alucinado moço, desenvolveu a sua accusação. S.S. depois de esclarecer aos srs. juizes do concelho, as provas mais claras da grande criminalidade do accusado, sem mesmo deixar dúvida alguma que pudesse redundar a beneficio da defesa, terminou pedindo de acôrdo com o *Libelo*, a mais justa condemnação do paciente. Dada a palavra ao advogado da defesa, a situação do accusado, como se esperava, tornou-se mais serena e simpática. A' medida que as suas palavras esclareciam, scientificamente o facto, parecia-nos sentir a constante diminuição da responsabilidade do accusado.

A defesa, depois de esclarecer o processo em todas as suas faces assentou-se, deixando-nos convictos, que a triste infelicidade do seu constituinte era o fruto de uma invencível causalidade.

—Terminados os debates, o concelho de sentença recolheu-se á sala das decisões do Júri, donde trouxe a condemnação do réu, a 16 anos de prisão.

—Com esse julgamento, encerrou-se a sessão.

Desastre

Na quarta feira, a criadinha do sr. Adolfo Rodrigues de Arruda, de nome Catarina Floriano, pegando numa garrucha,

de fogo central que se achava sob um colchão. Esta detonou-se, indo o projectil atingir o rebordo externo da cicatriz umbilical, do lado direito, e seguindo em direcção obliqua, de cima para baixo, da direita para a esquerda e de dentro para fóra, veio sair na face externa do terço superior da coxa esquerda. A bala foi encontrada no chão, achatada e deformada.

Os primeiros curativos foram prontamente prestados pelo dr. Silva Castro; tendo também, comparecido a policia que tomou conhecimento do acidente. A vítima foi levada para S. Casa, onde faleceu antontem.

Festa da Boa Morte

Com toda a pompa e seguindo a risca o programa publicado, realizou-se nos dias 13, 14 e 15 últimos, a festa de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção.

No dia 13, houve retreta pelas ruas de S. Rita e S. Cruz, que se achavam caprichosamente iluminadas.

No dia 14, houve missa rezada pela manhã, e à noite saiu a procissão de Nossa Senhora da Boa Morte, percorrendo as ruas acima citadas, que como na véspera, apresentavam bellissima iluminação. Ao passar pela frente da igreja de S. Rita, o côro entoou o cântico *Ave Maria Stella*.

No dia 15, houve alvorada pela manhã, às 10 horas houve missa cantada e proclamação dos novos festeiros e empregados.

A tarde saiu a imponente procissão de Nossa Senhora da Assunção.

As ruas por onde passou, achavam-se garridamente enfeitadas, com arcos, etc.

A entrada, prégou o revd. padre Francisco José de Azevedo, S. J., seguindo-se a bênção do SS. Sacramento e posse dos novos festeiros.

O côro esteve a cargo do maestrino Tristão Júnior, e dos serviços externos se encarregou a banda «30 de Outubro».

Ao Sr. Delegado de Policia

Ha' um cego do Salto que todos os sábados percorre as ruas desta cidade a esmoliar gritando horrosamente. E' preciso que o Sr. Delegado não permita que estes pedintes de outras localidades venham esmoliar aqui. Pois além de termos já um tam crescido número de pobres, esta condescendência vem abrir caminho para muita especulação. De que modo poderá o Sr. Delegado saber se este ou aquele sujeito está ou não em condições de implorar a caridade pública uma vez que não o conhece?

O único facto da cegueira não é motivo suficiente para se concluir que tal individuo seja digno da caridade pública. Pode perfeitamente um cego ter certos meios de subsistência e não precisar de esmolar. Portanto é necessário não permitir que os pedintes de outras localidades venham esmoliar aqui. Nós conhecemos os nossos pobres, sabemos que são dignos de esmola. O que não podemos dizer a respeito dos que vem de outros logares

Itu, 10-8-1912.

ANUNCIOS

Músicas PARA PIANO NA CASA ECLÉCTICA RUA DIREITA, 55

- CAROSIO—Papillons noirs Valsa »
- » —Primavera »
- CERATO—Bonita Chilena »
- BLANC—Mary »
- REAL—Pantalon »
- METALLO—Lejos del bien amado »
- TORNQUIST—Negrillon »
- GUIMARÃES—Olhar tria-tonho »
- STRAUS—Primavera »
- FIGUEIRA—Crisântemo »
- B. LIMA—Violão de Papai »
- GILBERT—La Casta Susana »
- P. NETO—Partindo leve branca »
- GIORDANO—Aimer... souffrir »
- FERRABINO—Amour ne meurt pas »
- CERATO—Aimer, toujours aimer »
- ZICHER—Valsa de aror »
- FALL—Camponês aege »
- GILBERT—Collegio de Signorine »
- NASCIMENTO— Saudades de Iguape »
- ROCCI—Angiolina »
- T. JUNIOR—Ausência Cruel »
- PALMIERE—Concórdia »
- PAANS—Supplication »
- PENA—Valsa lenta »
- BEUCCI—Amore »
- LEHAR—Eva »
- ACCONCI—Robinson »
- METALLO—Occhi belli »
- KEALMAN—Manovre d'autunno »
- DIAS—Cecilia »
- FALL—Princesa dos Dólares, Opereta »
- ALCHER—Lucrécia Borgia — Concerto »
- BEIJER—Fleurs Italiennes - Op. 87 »
- NUTILE—Mama mia — Letra e música »
- SCHUBERT—Serenata »
- DORN—Rigoletto Operá 39 »
- BEUCCI—Bocca Baciata — Polsa »
- A. LEMOS—Flocuras e caricias — Schottisch »

» —Depois de um beijo »
FRANÇA—Nerea
JUNIOR—Silvia
GOLBAERTS—La Traviata
— Op. 32.
Métodos de Piano Schmoll
Encarrega-se de mandar vir qua-quer música ou método para todos os instrumentos

Para debelar as impurezas do Sangue, basta usar o grande depurativo do sangue «Elixir de Nogueira», de farmacêutico-químico SILVEIRA. A venda nesta cidade.

«Elixir de Nogueira» — Atestam sua superioridade entre similares, inúmeros atestados médicos e de pessoas curadas.

Casa Matriz—PELOTAS— Rio GRANDE DO SUL— Caixa Postal Depósito geral e Casa filial—Rua Conselheiro Sairaiwa. 14 e 16.

CAIXA POSTAL 148
Rio de Janeiro

DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS
Matricária F. Dutra

3 a 3

De 3 meses a 3 anos é que as crianças devem usar a MATRICÁRIA de F. DUTRA. Todas as mães de família que deem a MATRICÁRIA aos seus filhos durante este periodo podem ficar tranquilas que a dentição se fará sem o menor incidente. Excelente remédio inofensivo para a dentição das crianças e com eficácia é atestada por mais de 200 médicos brasileiros, este medicamento faz desaparecer os sofrimentos das crianças, tornando-as tranquilas evita os desordens do estômago, corrige as evacuações, cura a febre, as cólicas, a insônia e todas as perturbações da dentição. As crianças que usam a MATRICÁRIA não criam vermes e tornam-se alegres, fortes e saudias.

Encontra-se em todas as Farmácias e Drogarias da Capital e do interior

Depósito geral do fabricante: **DROGARIA PACHECO**
Rua dos Andaraes No. 58 e 55. RIO DE JANEIRO

A PREVIDÊNCIA

CAIXA PAULISTA DE PENSÕES
Autorizada pelos decretos ns. 6.917, 7.695 e 8.802 do Governo Federal e com depósito de 200 contos no Tesouro.

AGÊNCIA EM TODO O BRASIL SEDE EM S. PAULO

Rua Quintino Bocaiuva, 4 1º andar, esquina da rua Direita—Caixa-Postal. 553
Telefone 431—End. Tel. «PREVIDÊNCIA»
Agência no Rio: Avenida Central, 95, 1º andar

Pecúlios e pensões

SÓCIOS INSCRITOS em 5 anos 77.901
CAPITAL SUBSCRITO até o dia 28 de Fevereiro 43.414:975\$00
CAPITAL DE PENSÕES até o dia 15 de Janeiro 5.072:094\$230

A Previdência é a sociedade de pensões e pecúlios mais importantes do Brasil, e que conta maior número de sócios e capital.

Com 5\$000 por mês obtém-se depois de 10 anos uma pensão de 100\$000 mensais no máximo por toda a vida, com 2\$500 por mês obtém-se depois de 15 anos uma pensão de 150\$000 mensais no máximo por toda a vida.

A SECÇÃO DE PECÚLIOS compõe-se das três séries seguintes:

PECÚLIO POPULAR: 10:000\$000 aos herdeiros ou pessoa préviamente indicada pelo sócio e 300\$000 para o funeral. A contribuição por falecimento é de 10\$000 e jóia de inscrição 300\$000, podendo ser paga em prestações mensais. Esta série é de 1.300 sócios.

PECÚLIO GERAL — 30:000\$000 aos herdeiros ou pessoa préviamente indicada pelo sócio e 1:000\$000 para o funeral. A contribuição por falecimento é de 15\$000 e a jóia de inscrição 1:000\$000, podendo ser paga em prestações mensais. Esta série é de 3.000 sócios.

PECÚLIO ESPECIAL — 50:000\$000 aos herdeiros ou pessoa préviamente indicada pelo sócio e 1:000\$000 para o funeral. A contribuição por falecimento é de 20\$000 e a jóia de inscrição 1:000\$000, podendo ser paga em prestações mensais. Esta série é de 1.300 sócios.

ABATIMENTO — As inscrições conjuntas de marido e mulher em qualquer das 3 séries, gozarão do abatimento de 25 por cento sobre as jóias do pecúlio escolhido.

PRÊMIOS — O PECÚLIO POPULAR terá direito a prêmio, em dinheiro de 500\$000 a 2:000\$000 por ano. Os pecúlios GERAL e ESPECIAL terão direito aos prêmios de 1:000\$000 a 5:000\$000 por ano, cada um.

Para quaisquer dos pecúlios citados a sociedade aceitará sócios cujas idades estejam compreendidas entre 20 e 55 anos.

Atentas as boas vantagens da nossa secção de pecúlios, estamos certos que, em breve, a PREVIDÊNCIA te-la há na mesma situação lionjeira em que se acha a de pensões vitálicas, que conta hoje mais de 77.900 sócios inscritos.

Peçam prospectos e informações
Ao Agente nesta cidade **Vergílio N. Brandão**

XAROPE DE ICHTYOL GRANADO

O mais importante remédio até hoje conhecido para a cura das molestias da pelle, erysipelas, pernas inchadas e elephancia.

Dose: 3 colheres de sópa por dia, em agua ou leite quente.

BASES DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA

regula-se pela sua origem, e a consulta ao VOCABULÁRIO torna-se necessária. Deve ter-se em atenção que *ch* corresponde a *cl, fl, pl, l'l* latino, e a *ch* francês nas palavras desta origem; *x* corresponde a *x* e a *s* latinos: nos vocábulos de origem arábica o emprêgo do *x*, e não de *ch*, é de rigor: assim, *xequê*, e não *che(i)k*.

XIII. A escrita dos ditongos orais é a seguinte: *ai, éi, ei, ôi, oi, au, éu, eu, iu, ou*, como em *ensaio, ensaiar, bateis, bateis*, (de *bater*), *sóis* (de *sol*), *sois* (verbo), *fui, pau, céu, son, viu, grou*, e portanto *pai(s), amai(s), gerais, réis, rei(s), fardis, róis* (nome plural e verbo), *azuis*, etc. Ficam abolidas as escritas *ae, oe, ue, ao, eo*, para estes ditongos, quer em nomes, quer em formas verbais.

XIV. A escrita dos ditongos nasais, é: *ãe, em* (*ens*), *deão*, como em *mão(s), bem, bens, pde(s), boides, cães, mão(s), órfão(s), cidadão(s)*.

Escrever-se hão com *am* final, em vez de *ão*, as formas verbais em que essa terminação seja átona, como *louvam, louvavam*, (presente e pretérito), diferente de *louvarão* (futuro).

Os vocábulos terminados no ditongo *em* (equivalente a *ei*) receberão o acento circunflexo, quando forem polisílabos com a última sílaba predominante. Dêste modo *porém*, do verbo *por*, diferenciar-se há de *porém*, conjunção; *contém*, do verbo *conter*, de *contem* do verbo *contar*; assim igualmente, *armazém, vintém, vinténs alguém*, mas *viagem, origem* (= *viagem origem*).

Os monossílabos com esta terminação dispensam a acentuação gráfica, por ser ociosa, e para que fiquem em harmonia com outros monossílabos terminados em vogal, nasal; ex: *fim, som, um; fins, sons, uns*.

O ditongo *ui* de *muíto, muí*, dispensa igualmente o til na escrita usual.

XV. A grafia das vogais nasais finais será a seguinte, já consagrada: *ã(s), im, ins, om, ons, um, uns*, como em *lã(s), irmã(s), orfã(s), fim, fins, marfim, som, sons, jejum, jejuns*.

Continua

FORMULÁRIO ORTOGRÁFICO
conforme o plano de regularização e simplificação da escrita portuguesa

I. São proscritas de todas as palavras portuguesas, ou aporuguesadas, as letras *k, w, y*, as quais serão respectivamente substituídas pelas seguintes: *k* por *qu* antes de *e, i*, por *c* em qualquer outra situação; *w* u, ou por *v*, conforme for a sua pronunciação; *y* por *i*. Escreveremos, pois, *calcidosópico, quermes, newtoniano, Venceslau, valsa, tipo, lira, fisiologia*, etc.

Excepções:

1.a Poderão usar-se essas letras em vocábulos derivados de nomes próprios estrangeiros, em que sejam legitimamente empregadas; ex: *kantismo, darwinismo, byroniano*. (Kant, Darwin, Byron), os quais, porém, será lícito escrever em harmonia com a pronunciação, *cantismo, darwinismo, haironiano*. Confrontem-se *Copérnico* de *Kopernik, Antuérpia*, de *Antwerp*, (*hijale* de *yacht*).

2.a Continuar em uso os símbolos *H*, para denotar o *Oeste*, e *K* como abreviatura de unidade métrica, e também na forma internacional *kilo*, que todavia se poderá escrever *quilo*; tanto mais que o *k* é um grosseiro erro nesta palavra, pois o correspondente termo grego se escreve com símbolo especial, e não *x*.

II. O abecedário empregado em português ficará consistindo nas seguintes letras e suas combinações, e portanto sómente com umas ou com outras se escreverão todas as palavras portuguesas ou aporuguesadas. Essas letras e combinações são: *a b c ç ch d e f g h i j l lh mn nh o p qu r (rr) s (ss) t u v x z*.

A MA' IRMÃ

NÃO MATARÁS

Esta o ouviu como quem estava ao facto de tudo.

Depois de ouvir seu irmão, d. Faustina, com perfídia e malvadez iníqua injectou-lhe no coração o veneno horrível de suspeitar contra sua esposa e sogra.

— Volta à casa, não deixa perceber que suspeitas de Inês e sua mãe, esprieta, observa e verificarás.

— É impossível! Faustina, não posso acreditar que Inês e sua mãe, sejam capazes de tanta baixeza!

— Pobre irmão! quanto te iludiu o amor que dedicava a essa mulher. Arrancaste-a da miséria, e elas procuram por esse modo, formar pecúlio com que garantam o futuro, se tu lhes faltares.

— Será possível! murmurou d. Firmino, caindo em profunda meditação.

Após alguns instantes, d.

Firmino ergueu-se bruscamente, e sacudindo a cabeça como para afastar de si um pesadelo, saiu tendo os olhos umidecidos.

D. Faustina avisou a Joana, que se abstivesse de furtar mais dinheiro, porque se expunha a ser surpreendida por seu irmão, e esperou com tranquilidade o desenlace do malvado plano que tam cuidadosamente havia preparado, a não se descuidou entretanto, de contar confidencialmente a todas as suas amigas o que estava sucedendo a seu pobre irmão, afirmando que a mulher lhe roubava tudo quanto possuía.

Deste modo estava matando a sua inocente cunhada mais cruelmente do que se lhe cravara um punhal no coração; porque a pessoa honrada, que perde o seu crédito, morre moralmente.

VIII

Três dias depois da conferência de d. Firmino com sua irmã, e numa bela manhã de maio, Sofia desceu ao pátio para brincar com a sua boneca, e vendo algumas formigas que trabalhavam se pôs a matá-las com os pés.

Inês que naquele momento se dirigia a uma sala do andar inferior, viu o desumano proceder da menina.

— É possível, Sofia, que achies prazer nessa crueldade? gritou severamente Inês. Quando perderás esses maus instintos? Que mal te fazem esses animaisinhos?

— Não me deixem fazer a casa para a boneca, respondeu Sofia, um tanto enfadada, e depois Joana disse que, se subissem as calças, picar-me-iam as pernas.

— Porque não deixas esse sitio?

— Porque gosto dele.

— Pois eu proíbo que mates esses pobres animaisinhos, disse Inês, com certa severidade.

Vamos, pega nos bonecos e vai com eles para outra parte! Sofia obedeceu em silêncio; porém no modo como olhou para o formigueiro, conheceu Inês, que quando lo voltasse as costas a matança seria espantosa.

A boa Inês quis convencer sua irmã de que obrava mal; enquanto, esta construía a sua casa, disse-lhe com bastante gravidade:

Milhor força que aproveitasse a lição que te dão as formigas.

— Pois o que ensinam elas?

— A trabalhar e conservar a ordem e o asseio. Vem cá, vê-lo há.

Inês levou Sofia à boca do palácio subterrâneo daquele povo, sacudiu as algibeiras do avental da menina, que estavam cheias de migalhas de pão e de bôlos, e retirou-se um pouco, recomendando a sua irmã que observasse com atenção.

Em breves momentos saíram as formigas, pouco a pouco, com medo da sua implacável inimiga. Cada uma delas foi apressando-se da sua migalha, e todas muito contentes voltaram para casa.

— Que farão daquelas migalhas? perguntou a menina.

Guardá-las não numa espécie de celeiro, onde amontoam também trigo, várias sementes e pequenos vermes; e quando tem fome, vão ali buscar o necessário para mitigá-la. Tudo quanto Deus há criado tem um fim, minha querida, continuou Inês; não podemos tirar a vida a nenhum ser vivente, por inútil que vos pareça, sem nos expor à cólera do Senhor.

— Então, observou Sofia, porque matamos as aves, as vacas, os bois e os carneiros para os

comer? Que mal fazem essas pobres animais.

— Porque as aves, as vacas, os bois e os carneiros foram criados para alimento do homem e este não peca, quando os mata para seu sustento. O Senhor mandou aos Judeus que comessem um carneiro para celebrar a Páscoa e até Ele mesmo comeu muitas vezes com os seus Apóstolos. As formigas mantêm-se também, como já te disse, de alguns vermes, e as feras dos bosques devoram a muitos animais; é, porém, desumano sacrificar os animaisinhos, que, sobre serem inofensivos nenhum proveito nos resulta da sua morte; pelo contrário, com ela fazemos uma ofensa a Deus, culpando-o tácitamente porque os criou.

— Não torno a matar outro animal, disse Sofia, cuja boa índole se prestava aos conselhos.

— Naquele momento ouviu-se a voz de sua mãe chamando Joana.

— Água! água! com doloroso acento: o senhor está muito mal!

(Continua)

«Elixir de Nogueira» — A testam sua superioridade entre similares, inúmeros atestados médicos e de pessoas curadas.

A UNIÃO PAULISTA

SEDE: S. PAULO — Rua São Bento, 76 — CAIXA, 777

Distribui mensalmente um prémio em prédio ou em dinheiro até 10,000:000

UM PRÉMIO EM DINHEIRO ATÉ 2:000\$000

Cinco bonificações de 120\$000

“A UNIÃO PAULISTA” é uma Sociedade mutualista que tem por fim, entre outros, proporcionar um CAPITAL ou uma CASA de moradia aos seus mutualistas.

Os mutualistas pagarão a quantia de cinco mil reis mensalmente e concorrerão a um sorteio mensal que se realizará sempre no dia 15 de cada mês, ou na véspera quando o dia 15 de cada mês, for feriado.

Aos mutualistas que concorrerem a 120 sorteios e que não forem sorteados, “A UNIÃO PAULISTA” restituirá a importância total das suas mensalidades acrescidas dos juros de 5% que serão creditados anualmente. É um seguro de vida modesto que se proporciona aos mutualistas que não forem sorteados.

Em caso de falecimento do mutualista, os seus herdeiros optarão: o 1.º pela restituição integral das mensalidades já pagas até essa data, o 2.º pela continuação da sua respectiva apólice, validada em nome de um dele, com todos os direitos a ela inerentes. O mutualista que pagar adiantadamente todas as mensalidades de um ano terá direito ao desconto de 10%.

Como se vê mutualista da “UNIÃO PAULISTA” em caso nenhum, independente de sua vontade, perderá as quantias que nela empregar. Só os perderá quando deliberadamente deixar de contribuir com as suas mensalidades.

Inscrevei vos, pois, assim como os vossos filhos na “UNIÃO PAULISTA”, que não vos arrependeréis.

Presidente Dr. Adolfo Botelho de Abreu Sampaio
Director Jurídico e Secretário Dr. Estêvão A. de Oliveira
Tesoureiro Dr. José Vergílio Malta Cardoso

O Agente Vergílio Neri Brandão ITU

UNIÃO MÚTUA A POPULAR

COMPANHIA CONSTRUTORA E DE CRÉDITO POPULAR

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE PECÚLIOS

- 00 -

Sociedade benéfica que possui duas séries de pecúlios.

Uma é a SÉRIE POPULAR para sócios maiores de 8 e menores de 55 anos e na qual paga-se uma jóia de inscrição de 15\$000, uma mensalidade de 3\$000 e a quota de 4\$000 por falecimento que se der, recebendo os herdeiros ou beneficiários um pecúlio de 11:000\$000 em caso de morte de um mutuário.

A outra é a SÉRIE SÊNIOR, para sócios maiores de 55 anos e menores de 65, na qual paga-se uma jóia de inscrição de 15\$000, uma mensalidade de 5\$000 e a quota de 12\$000 por falecimento, legando aos seus herdeiros ou beneficiários um pecúlio de 11:000\$000.

DIRECTORIA

PRESIDENTE: J. Calasans Rodrigues
Proprietário e Caixa da Cia Mogiana.
TESOUREIRO: José Loureiro da Cruz
Capitalista
SECRETÁRIO: Dr. Henrique Domingues, Proprietário
GERENTE: Álvaro Loureiro da Cruz

CONSELHO FISCAL

Antônio Ipolito de Medeiros, 1.º Tabelião de Notas da Capital. — Umbelino Lopes, Proprietário da Drogeria e Farmácia Castor — Vilor Zaccara, Proprietário e negociante.

SEDE SOCIAL, Rua Boa Vista, 41 (S. Brásdo). — Caixa Postal, 111 — S. PAULO.

Rua Direita, 55 CASA ECLESIÁSTICA

BASES DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA

III. É eliminada a letra *h* do interior de todos os vocábulos portugueses, com excepção do seu emprego, como sinal diacrítico, nas combinações *ch, lh, nh*, com os valores que as seguintes palavras exemplificam, e unicamente para êles: *chave, malha, manha*. Portanto, escrever-se hão, sem *h*, *iniibir, exortar*, etc., e, semelhantemente, *sair, coerente, proibir*, etc.

IV. É conservado o *h* inicial, quando a etimologia o justifique, como em *homem, humano, honra, hoje*; mas abolido onde é errôneo, como em *hontem, hir, hombro*, que se escreverão *ontem, ir, ombro*.

Quando a uma qualquer palavra com *h* inicial etimológico se acrescentar prefixo, suprimir-se há o *h*; ex.: *desumano, inumano, desonra, filarmónica, desistória*, etc.

V. É lícito escrever *h* final, como sinal de interjeição, *ah! oh!*; mas é proscrita esta letra final em todos os mais vocábulos; ex.: *Sara, Judd, raja ou rajá*, etc.

VI. Em harmonia com a cláusula III é eliminado o *h* dos grupos *rh, lh*, ou outros quaisquer, inexactamente denominados etimológicos, e portanto escrever-se há *leatro, reitoria, aderir, aborrecer, sirgo, sorgo, caridade, cristão, Cristo, monarcha, técnica, cloro*, etc. O grupo *ch*, com o valor de *ç* antes de *e, i* será substituído por *qu*; ex.: *monarquia, arquitecto, química, querubim*. O grupo *ph* será expresso por *f*; ex.: *filosofia, frase, feticio, furor, física, fisiologia, ninfa, profeta*, etc. Assim também escreveremos *ditongo, thsua, apotegma*, etc.

VII. Nenhuma consoante se duplicará no interior ou fim de vocábulo, senão quando a pronunção assim o exija, o que só acontece com *rr, ss, mm, nn*, como nas seguintes palavras: *carro, casa, emmalhar, ennegrecer*.

Nesta conformidade escrever-se hão com letras singelas as seguintes palavras, e outras que é hábito escrever com letras dobradas: *abude, acusar, adição, affecto, sugerir, agravo, êle, êlo, aludir, chama, pano, anexo, apparecer, atribuir, meter, altitude*, etc. As letras *r* e *s* dobram-se, se a pronunção o exige, quando a qualquer vocábulo se antepõe

BASES DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA

prefixo terminado em vogal; ex.: *pressentir, prorrogar, ressuscitar*.

VIII. São suprimidas as consoantes mudas, quando não influam no valor das vogais que as precedem; ex.: *antor, restrito, produto, produção, pronto, presunção, satisfação, praticar, tratar, sinal, Madalena, aumento, Indcio, Inês, assunto, assinar, sono, dano, condenar*, etc.

IX. São conservadas as consoantes, usualmente mudas, quando facultativamente se profram, ou quando influam no valor da vogal que as precede; ex.: *contração, reacção, diarréa, excepção, adoptar, alopção, espectáculo, cardcter, rechdão, retracção*.

Neste caso os vocábulos aparentados, em que essas vogais pertencem à sílaba predominante do vocábulo, conservarão, por analogia, a consoante muda; ex.: *contracto, directo, excepção, caracterizar, recto, acto em razão de activo, acção*, etc.

X. O emprego acertado das letras *ce, ci*, alternando com *(s)se (s)si*, ou no interior do vocábulo o de *ç*, alternando com *ss*, depende da origem deêses vocábulos e do valor que as ditas letras indicavam, quando a pronunção delas differia, como ainda hoje difere dialectalmente em várias regiões do norte de Portugal. A consulta ao VOCABULÁRIO, é indispensável para decidir da escolha. Como regra geral, *ce, ci, ç* correspondem a *ce, si, ti*, latinos, a *ce, ci, ze, zo, zu*, do castelhano actual, a *ss* arábicos, ou pertencem a vocábulos de origem americana indígena transcritos pelos autores peninsulares.

Fica banido o *ç* inicial, que será substituído por *s* nos poucos vocábulos em que etimologicamente figuraria; ex.: *sa pato, sarça*, e não *çapato, çarça*, como antes se escrevia, e ainda uma outra vez se escreve.

XI. É conservado o grupo inicial *sc*, das seguintes palavras e seus derivados e afins, em que o *s* é mudo: *scena, sciência, scetro, scéptico, seisma, seião, sciático, scintillar, scelerado*, e algum outro menos usual.

XII. O emprego do *ch* ou de *ç*, os quais histórica e ainda dialectalmente não eram nem são idênticos, no valor fonéticos

Filhas de Maria

Na CASA ECLESIÁSTICA, a rua Direita 55; encontra-se Medalhas-distintivo para a congregação das FILHAS DE MARIA; tanto de prata como de alumínio.

Medalha de S. Bento, S. Benedito, S. Antonio, N. S. das Dores, S. S. Coração de Jesus e de Maria, S. Brás, S. Inacio, Divino Espírito Santo, S. José, Anjo da Guarda, N. S. do Rosário, S. Francisco de Assis e muitas outras invocações.

Escapulários de N. S. das Dores e do Carmo.

Rosários correntes de prata; Pate Noster, Livros de Devção &

R. Direita, 55 — Itu

Para debelar as impurezas do sangue, basta usar o grande depurativo do sangue «Elixir de Nogueira», do farmacêutico-químico SILVEIRA. A venda nesta cidade.